**RESUMO EXPANDIDO EPCA 2024**

**OS DILEMAS DE UMA POSSÍVEL HISTÓRIA ÚNICA (E MEDIADA) SOBRE MATERNIDADE E AMAZÔNIA**

**Luciana Guimarães Barbosa - UFPA[[1]](#footnote-0)**

**Claudiane de Oliveira Carvalho - UFPA[[2]](#footnote-1)**

**RESUMO**

Este artigo aborda, ainda de maneira preliminar, os discursos sobre a Amazônia e a maternidade atípica, destacando como a midiatização da sociedade contribui para a perpetuação de histórias simplificadas e estereotipadas. O objetivo da pesquisa é discutir os vieses das "histórias únicas", conforme proposto por Adichie (2019), a partir de dois contextos específicos: a Amazônia e a maternidade atípica. A investigação, ainda em curso, está sendo realizada por meio de uma pesquisa bibliográfica exploratória. Os resultados parciais mostram que os discursos dominantes frequentemente desconsideram as contribuições culturais e as vivências das comunidades amazônicas, bem como as conquistas e a resiliência das mães atípicas, reforçando estereótipos prejudiciais. As conclusões destacam a necessidade de promover uma escuta ativa e um espaço para discursos plurais, essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, na qual todas as vozes sejam respeitadas.

**Palavras-chave:** Amazônia. Maternidade atípica. Mediatização. História única

**1. INTRODUÇÃO**

Na conferência “O perigo de uma história única”, Chimamanda Ngozi Adichie alerta para o risco de reduzir complexas realidades a uma única narrativa dominante. Segundo Adichie (2019)[[3]](#footnote-2), estas histórias únicas, ainda que não sejam conceitos teóricos formais, criam estereótipos, desumanizam sujeitos e obscurecem a pluralidade de experiências e perspectivas. Inspirado por esta reflexão, o presente artigo busca examinar alguns vieses destas "histórias únicas" em dois contextos específicos: a Amazônia e a maternidade atípica.

A Amazônia, um dos ecossistemas mais ricos e biodiversos do planeta, é frequentemente retratada de maneira dualista pela mídia e por discursos políticos — seja como um paraíso ecológico a ser preservado ou como uma região explorável em prol do desenvolvimento econômico (Castro *et al*, 2018). No entanto, este discurso binário ignora a diversidade de vozes, culturas e modos de vida que existem na floresta, especialmente entre as comunidades indígenas e ribeirinhas, cujas histórias e saberes são frequentemente silenciados ou minimizados em debates globais.

Paralelamente, a maternidade atípica — especialmente no contexto de mães que criam filhos com deficiências ou condições como Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Transtorno Opositivo Desafiador (TOD) — também é comumente reduzida a uma visão unidimensional. Mães atípicas são frequentemente representadas sob o prisma do sacrifício, da exaustão e do sofrimento, invisibilizando as múltiplas dimensões de suas experiências. Essa história única reforça estereótipos que distorcem a percepção pública e afetam negativamente a formulação de políticas sociais de apoio.

Neste artigo, propomos uma análise preliminar dos vieses presentes nestes discursos unidimensionais sobre Amazônia e maternidade atípica, não apenas simplificando realidades, mas também perpetuando visões limitadas e excludentes. Ao adotar a noção de "história única" como um ponto de reflexão, buscamos evidenciar a necessidade de promover discursos plurais, que reflitam a complexidade e a diversidade das experiências humanas. Também abordaremos brevemente o papel da midiatização na consolidação destes vieses, contribuindo para a construção destas histórias simplificadas ou reducionistas.

**2. HISTÓRIA ÚNICA SOBRE AMAZÔNIA**

A Amazônia, que abriga a maior floresta tropical do mundo, é frequentemente vista como uma região periférica em relação ao Brasil central, tanto no desenvolvimento econômico quanto na produção intelectual. Ela é muitas vezes reduzida a uma narrativa simplista entre preservação e destruição, ignorando a diversidade cultural e social das comunidades locais. Povos indígenas e ribeirinhos são marginalizados, sendo retratados sob estereótipos que afetam políticas ambientais e decisões econômicas, impactando diretamente suas vidas (Cruz, 2019; Castro Castro *et al*, 2018).

Pinto (2005) destaca que ideias dominantes moldaram as percepções sobre o Novo Mundo e a Amazônia, influenciadas pelo debate entre civilização e barbárie, presente no pensamento europeu desde os séculos XVI e XVII. Essa visão reforçou a noção de superioridade europeia, que influenciou a forma como exploradores, colonizadores e, posteriormente, políticos e ambientalistas trataram a região e seus povos indígenas.

Arbex Jr. (2005) afirma que a visão eurocêntrica da Amazônia, desde os primeiros contatos com o continente, construiu a ideia do "Novo Mundo" como uma terra de riquezas infinitas, mas habitada por “selvagens” que precisavam ser "domesticados". Esse discurso, criado por cronistas e exploradores, ignorava a complexidade das culturas locais, idealizando a natureza brasileira e reforçando o mito do indígena como "selvagem não civilizado", o que legitimou práticas de exploração e marginalização dos povos nativos.

Para Pinto (2005), a visão dualista sobre a Amazônia perpetua polarizações atuais, como a idealização romântica dos “povos da floresta” e a demonização das práticas locais de subsistência. Esse “novo senso comum” sobre a Amazônia, embora preocupado com o meio ambiente e o desenvolvimento sustentável, corre o risco de reproduzir um conservadorismo romântico que desconsidera as complexidades sociais e econômicas da região.

Políticas ambientais recentes mostram como o discurso simplificado sobre a Amazônia exclui soluções mais inclusivas, ignorando os conhecimentos e práticas das comunidades locais. Pinto (2005) argumenta que a região é vista sob um "romantismo social", que exotiza seus povos e ignora suas contribuições culturais e necessidades atuais. Isso mantém a Amazônia limitada a estereótipos, impedindo o reconhecimento de sua pluralidade de experiências e saberes que poderiam promover alternativas mais integradoras.

**3. HISTÓRIA ÚNICA SOBRE A MATERNIDADE ATÍPICA**

A história única sobre a maternidade atípica, especialmente de mães que criam crianças com TEA, TDAH e TOD, é retratada de forma simplificada, focando no sacrifício e sofrimento. Essa visão predominante ignora a diversidade de experiências, que incluem não apenas desafios, mas também afeto, realização e resiliência. Ao invisibilizar esta pluralidade, o discurso marginaliza as conquistas emocionais e as lutas diárias destas mães, que buscam equilibrar a criação de crianças neurodivergentes com a inclusão e o desenvolvimento de seus filhos.

Segundo Bento e Yamaguti (2024), a maternidade atípica é vivida de formas singulares, influenciada pelas particularidades de cada mãe e criança. Apesar de compartilharem desafios como a sobrecarga emocional e a falta de apoio institucional, há também momentos positivos que são ofuscados pela narrativa de sofrimento. A exclusão social e os olhares de reprovação são frequentes, e estas mães se sentem invisíveis e sobrecarregadas pela ausência de políticas públicas eficazes. Idealizadas como "mães guerreiras", suas necessidades práticas e emocionais são frequentemente negligenciadas, deixando-as isoladas em suas lutas diárias.

A idealização da "mãe guerreira", criticada por Branco e Ribeiro (2023), sustenta a ideia de que estas mulheres devem suportar sacrifícios sem necessitar de apoio concreto, o que distorce a realidade da maternidade atípica. Essa romantização oculta a necessidade de políticas públicas que promovam a inclusão de seus filhos e ofereçam suporte à vida pessoal e profissional destas mães, que muitas vezes abandonam suas carreiras devido às demandas intensas dos cuidados, resultando em exaustão física e emocional (Constantinidis; Souza Pinto, 2020).

Além disso, o impacto histórico do patriarcado, conforme discutido por Soares e Carvalho (2017), reforça a expectativa de que o instinto maternal é natural e universal, pressionando estas mulheres a assumirem responsabilidades de cuidadoras incondicionais. Com isso, além dos desafios típicos da maternidade, elas enfrentam as exigências do cuidado de filhos com deficiência, enquanto buscam tratamento adequado e inclusão escolar, frequentemente colocando suas próprias necessidades em segundo plano (Eleutério, 2023; Weissheimer; Mazza; Santana; Ruthes, 2021).

As mães atípicas rejeitam os rótulos de "guerreiras" ou "mães especiais", desejando ser reconhecidas como indivíduos com identidades próprias, além de seus papéis de cuidadoras (Branco; Ribeiro, 2023). Elas buscam acolhimento, empatia e políticas públicas que ofereçam suporte concreto, enfrentando a invisibilidade e a falta de apoio sistêmico enquanto priorizam as necessidades de seus filhos. Lourenço (2020) ressalta que estas mulheres lutam por melhores condições, refletindo as complexidades de suas experiências.

Além disso, fatores como raça, classe e identidade de gênero moldam as demandas e necessidades destas mães (Assis, 2019), tornando essencial romper com discursos simplificados da maternidade atípica. As mães atípicas não são apenas figuras passivas de resistência, mas atuam de maneira resiliente na busca por mudanças estruturais que melhorem a vida de suas famílias, reivindicando suas identidades e direitos como indivíduos. Essa ampliação da compreensão pode contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva, que ofereça o apoio necessário para que mães e filhos vivam com dignidade e respeito.

**4. A MIDIATIZAÇÃO DE HISTÓRIAS ÚNICAS**

A construção dos discursos sobre a Amazônia e a maternidade atípica está intrinsecamente ligada aos processos de midiatização, conforme definido por Couldry e Hepp (2020), que descrevem como as práticas sociais e culturais são moldadas pelos meios de comunicação. A midiatização vai além da mera transmissão de informações, reconfigurando interações sociais e influenciando a percepção da realidade, o que afeta a produção e o consumo de discursos.

No caso da Amazônia, a mídia, tanto tradicional quanto digital, frequentemente simplifica a complexidade da região, concentrando-se em crises ambientais, como desmatamento e incêndios, ou apresentando a floresta como um espaço que necessita ser "salvo" por atores externos. Essa abordagem reduz as múltiplas vivências e saberes locais a uma dicotomia entre destruição e salvação, ilustrando os discursos unidimensionais apontados por Couldry e Hepp (2020). Tais discursos limitam a compreensão pública sobre a Amazônia, promovendo uma visão simplificada que ignora as dinâmicas sociais, culturais e econômicas presentes na região.

A midiatização (Couldry; Hepp, 2020) é um processo de poder que determina quais vozes são amplificadas e quais são marginalizadas. Isso é evidente nos discursos sobre maternidade atípica, nos quais os discursos midiáticos tendem a enfatizar o sacrifício, a exaustão e os desafios enfrentados por mães de crianças com necessidades especiais. Essa abordagem reforça estereótipos de sofrimento e isolamento, ocultando a diversidade de experiências e o protagonismo destas mulheres em suas próprias histórias. Ao retratar estas mães de forma unilateral, a representação midiática contribui para a manutenção de um imaginário social limitado, que não reconhece as dimensões positivas ou as estratégias de enfrentamento que elas desenvolvem em seu cotidiano.

Neste contexto, Couldry e Hepp (2020) distinguem “fatos sociais” (proposto por Durkheim) e “fatos institucionais” (proposto por Searle), que nos ajudam a compreender como estes discursos são constituídos e mantidos. Os “fatos sociais” são construções que emergem das interações humanas, enquanto os “fatos institucionais” são aqueles que se consolidam quando um grupo de pessoas reconhece e aceita determinadas regras e funções comuns. Como afirmam os autores, fatos institucionais possuem algumas características que os distinguem dos fatos apenas sobre o mundo físico natural. Esses fatos só existem na medida em que as pessoas continuam a aceitá-los e a agir de acordo com as normas e funções estabelecidas. Desta forma, a perpetuação dos discursos unidimensionais sobre a Amazônia e a maternidade atípica depende da aceitação coletiva destas construções midiáticas, que se tornam normativas no imaginário social.

Assim, o processo de midiatização, conforme descrito pelos autores, não apenas amplifica, mas também simplifica estes discursos, tornando-as narrativas hegemônicas. Isso resulta em uma cobertura midiática que reproduz visões reducionistas, limitando o debate público e contribuindo para a manutenção de relações desiguais de poder, ao silenciar vozes e histórias relevantes.

**CONCLUSÃO**

Para superar os perigos da história única, é fundamental ampliar os discursos sobre a Amazônia e a maternidade atípica, dando voz a experiências diversas. As representações midiáticas frequentemente se concentram em catástrofes ambientais ou iniciativas de "salvação", ignorando as vivências das comunidades indígenas e ribeirinhas, o que distorce a realidade e prejudica a formulação de políticas públicas. Na maternidade atípica, o discurso tende a se concentrar apenas nas dificuldades e sacrifícios das mães, desconsiderando suas conquistas e a diversidade de experiências que vivenciam, o que desumaniza estas mulheres. A ideia de "história única", como proposto por Adichie (2019), destaca a importância de contar múltiplas histórias, promovendo uma compreensão mais profunda das realidades enfrentadas por estas mães.

A midiatização dos discursos, como discutido por Couldry e Hepp, amplifica simplificações para gerar engajamento imediato, reforçando narrativas dominantes. Para uma compreensão mais justa, é essencial abrir espaço a discursos plurais que desafiem as histórias únicas, valorizando as vozes da Amazônia e das mães atípicas. Esse processo de escuta ativa é fundamental para construir uma sociedade mais inclusiva, onde as vozes marginalizadas possam ser ouvidas e respeitadas, refletindo a complexidade da vida social e promovendo empatia.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 64 p

ARBEX JUNIOR, José. “Terra sem povo”, crime sem castigo: pouco ou nada sabemos de concreto sobre a Amazônia. In: TORRES, Maurício (org.). **Amazônia revelada**: os descaminhos ao longo da BR-163. Brasília: CNPq, 2005.

ASSIS, Dayane N. Conceição de. **Interseccionalidades**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Arte e Ciências, 2019. Disponível em https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/554207/2/eBook%20-%20Interseccionalidades.pdf. Acesso em 26 jul 2023.

BENTO, Lavínia; YAMAGUTI, Bruna. Mães atípicas: mulheres com filhos autistas falam sobre preconceitos e desafios. **G1 - DF**. Disponível em https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2024/05/12/maes-atipicas-mulheres-com-filhos-autistas-falam-sobre-preconceitos-e-desafios.ghtml. Acesso em: 2 out. 2024.

BRANCO, Rebeca; RIBEIRO, Fernanda. Mães atípicas rejeitam rótulo de guerreiras: “a gente quer respeito, acolhimento e políticas públicas”. **G1 - EPTV**. Disponível em https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2023/05/14/maes-atipicas-rejeitam-rotulo-de-guerreiras-a-gente-quer-respeito-acolhimento-e-politicas-publicas.ghtml. Acesso em: 2 out. 2023.

CASTRO, E. et al . Pensamento crítico sobre a Amazônia e o debate sobre desenvolvimento. Papers do NAEA (UFPA), v. 379, p. 1-18, 2018.

CONSTANTINIDIS, T. C.; SOUZA PINTO, A. **Revisão Integrativa sobre a Vivência de Mães de Crianças com Transtorno de Espectro Autista**. Revista Psicologia e Saúde, vol. 12, núm. 2, pp. 89-103, 2020. Disponível em: https://pssaucdb.emnuvens.com.br/pssa/article/view/799. Acesso em: 11 set. 2023.

COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. O mundo social como construção comunicativa. *In*: A construção mediada da realidade. Tradução: Luzia Araújo. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2020.

CRUZ, Maria de Nazaré Costa da. A Trajetória de Vida de Mulheres Negras em Instâncias de Poder na Amazônia Paraense (1995-2015). Revista Gênero na Amazônia, Belém, n. 15, jan./jun., 2019. Disponível em: https://periodicos.ufpa.br/index.php/generoamazonia/article/view/13273. Acesso em: 19 set. 2023.

ELEUTÉRIO, Júlia. Luta por direitos e respeito ao portadores do Transtorno do Espectro Autista. Correio Brasiliense. 2023. Disponível em https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2023/07/5110377-luta-por-direitos-e-respeito-ao-portadores-do-transtorno-do-espectro-autista.html. Acesso em: 02 out. 2023

PINTO, Renan Freitas. **A viagem das ideias**. In.: Estudos Avançados. São Paulo, v. 19, n. 53, p. 97-114, abril 2005. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10049

SOARES, A.M.M; CARVALHO, M. E. P. **Ser mãe de pessoa com deficiência:** do isolamento à participação social. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499482236\_ARQUIVO\_Ser\_maedepessoacomdeficiencia.pdf . Acesso em: 21 ago. 2023.

WEISSHEIMER, G; MAZZA, V.A; SANTANA, J.M; RUTHES, V.B.T.N.M; FREITAS, C.A.S.L.**Demandas de informações das famílias de crianças com Transtorno do Espectro Autista**. Rev Bras Enferm. 2021. Disponível em https://www.scielo.br/j/reben/a/VgmBNksLCTLNxs4cFzcf54r/?lang=pt&format=pdf. Acesso em: 3 out 2023.

1. Mestra e doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCom/ UFPA). E-mail: lug.academico@gmail.com. [↑](#footnote-ref-0)
2. Docente da UFBA e do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCom/ UFPA). E-mail: claudianecarvalho.29@gmail.com. [↑](#footnote-ref-1)
3. A obra “O perigo de uma história única” de Chimamanda Ngozi Adichie é uma adaptação de sua conferência TED Talk (2009). Publicado no Brasil em 2018, o livro aborda a questão da representação única, frequentemente estereotipada, que descreve realidades socioculturais distintas a partir de uma perspectiva hegemônica branca e eurocêntrica. Chimamanda Ngozi Adichie é nigeriana, uma escritora e ensaísta renomada, com mestrado em escrita criativa pela Universidade Johns Hopkins e em história da África pela Universidade de Yale. Ela é considerada uma das principais jovens intelectuais contemporâneas, abordando em suas obras temas como dramas sociais na Nigéria, desigualdades, e questões de identidade étnica e de gênero. [↑](#footnote-ref-2)